

A TERCEIRA MARGEM: O RIO É DA LINGUAGEM?¹

Fábio Galera²

RESUMO

O trabalho pretende desenvolver uma reflexão que trate do vigor poético presente no conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, apontando seu traço de acontecimento apropriador de verdade, segundo a articulação de silêncio, língua e mundo. Possui o intuito ainda de promover uma compreensão da linguagem poética do conto que extrapole os limites linguísticos. Assim, a discussão tenderá para uma abordagem distinta daquelas que compreendem a linguagem como representação metafísica do real.

Palavras-Chave. Poética. Silêncio. Acontecimento. Abertura. Mundo.

ABSTRACT

The work aims at developing a reflection which deals with the poetic vigor present in the short story “A Terceira Margem do Rio”, written by Guimarães Rosa, pointing out its trait of event of truth, according to the articulation of silence, language and world. It still intends to promote an understanding of the poetical language of the short story that exceeds the linguistic limits. Thus, the discussion will tend toward an approach which is distinct from those that understand language as a metaphysical representation of the real.

Keywords. Poetic; Silence; Event; Openness; World.

A água do mar é a mais pura e a mais impura: para os peixes, potável e boa para a saúde; para os homens impotável e letal. (HERÁCLITO, Frag. 61)

Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos/estamos e não somos/estamos. (HERÁCLITO, Frag. 49a)

1.Molhar das águas

O lugar de fala reivindicado por esta comunicação se posiciona bem longe da pretensão de vir a contribuir com as concepções teóricas já em circulação no âmbito acadêmico sobre linguagem. Atualmente há muitas possibilidades teóricas de compreensão do que seja a linguagem humana e, sendo assim, o pesquisador de linguagem poderá lançar mão desse rico e extenso material. Aqui, o que se propõe à interrogação é exatamente a existência e o vigor de um suposto não-lugar para a linguagem, ou uma não-linguagem.

Mas o que se pretende dizer com não-linguagem e não-lugar da linguagem? O que seria, pois, a terceira margem a que o título deste trabalho se propõe interrogar? Seria a terceira margem pertencente à linguagem? A linguagem é propriamente linguagem quando se põe como uma terceira margem?

Para tratar destas perguntas iniciais seria necessário ganhar um pouco de pé no rio, ganhar certa consistência discursiva, para que a fala não fique circulando em termos exclusivamente teóricos. Nem se quer nos aproximamos ainda dele; encontramos-nos na margem, ainda.

O que se pode dizer de cara, é que as interrogações-guia desta experiência encontra fundamento no desejo de não reproduzir uma concepção de linguagem que se sustente em bases metafísicas. Emprega-se, aqui, o adjetivo metafísica, para designar todo discurso que se pretende representação da realidade. Discurso esse que parte de um lugar definido e determinado da linguagem humana para tentar aderir ao real, discurso que possui a pretensão de se adequar ao movimento de gênese da realidade e explicá-la como se fosse estática, ou fazer coincidir o amorfo movimento do real a uma mera agitação do plano da linguagem humana.

Até aqui, temos tão somente linguagem humana e discurso, em suas mais diversas inserções e realizações. A linguagem metafísica não distingue linguagem humana e discurso. Ambas participam da mesma origem: o homem; a dimensão humana. Mas, o que está sendo sugerido quando se diz linguagem humana? Parece haver aí um pressuposto de que há, também, a possibilidade de compreender a linguagem como sendo algo não-humano?

Melhor será, antes de mais nada, molhar os pés nas águas do conto de Guimarães Rosa, *A terceira margem do rio*, para buscar o fundo necessário que nos garantirá ficar de pé no móvel, e não se deixar afundar nesse rio.

2.No conto das questões

O conto de Guimarães Rosa, *A terceira margem do rio*, apresenta um fato no mínimo curioso, através da fala de um narrador, rememorando, com muito pesar e culpa. Este fato não se deu de súbito. Começou a se produzir há algum tempo, numa família constituída de um irmão, uma irmã, um pai e uma mãe³.

O pai mandou construir uma canoa de pau de vinhático, muito pequena, para durar “uns vinte ou trinta anos” (ROSA, 2005, p. 77). Ninguém sabia o motivo pelo qual ele mandara produzir a pequena canoa, que mal cabia a tabuinha da popa. A mãe não concordava. Questionavam-se caso o pai agora dava para vadiagens, e ele não dizia nada. Na verdade, esta não era uma possibilidade real, pois “era homem cumpridor” (ROSA, 2005, p. 77). Certo dia, finalmente, a canoa ficara pronta e se deu a partida do pai:

Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. (ROSA, 2005, pp. 77-78).

Por que partiu? Que coisa tão séria acontece antes de seu relato? Esta é a pergunta que permaneceu presente na memória do narrador durante toda a sua vida. Não fica claro o motivo, mas em sua consciência prevalece uma grande culpa: “Sou homem de

tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo.” (Rosa, 2005, p. 81).

Para aonde foi e onde esteve todo o tempo? O que se sabe é que ele, o pai, vivia nos meios do rio: “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.” (Rosa, 2005, p.78). Houve um caso até de tentarem uma aproximação: soldados, repórteres com lancha. Mas não conseguiram:

Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão daquele. (ROSA, 2005, p. 79).

Esta situação é insólita. Como seria possível tal feito? Como seria possível explicar o fato de um homem se manter numa canoa por anos, sem descer nem de um lado nem de outro do rio, passar chuva e frio, consumir de comer “só um quase” (Rosa, 2005, p.79), durante tantos anos? Por que se manteve sempre nas proximidades da margem do rio; lugar próximo da antiga morada? Esta é a perplexidade de todos em sua volta. Não se falava de loucura na casa dessa família: “Na nossa casa, a palavra *doido* não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos.” (Rosa, 2005, p. 81).

Passados anos, num determinado momento, ocorreu que o filho resolveu chamar o pai e lhe oferecer substituição nesta dura empreitada:

Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar,

do senhor, na canoa!..." E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo. (Rosa, 2005, pp. 81-82).

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. (ROSA, 2005, p. 82).

Por que o pai nunca voltara para ficar e só voltara agora depois de tantos anos? Por que não aproveitou para ficar e se reestabelecer novamente, já que voltou próximo à margem? Todas estas questões permanecem sem solução no tecido textual. Talvez seja possível vislumbrar, apenas em seus silêncios, alguma resposta ou indicação para tal. A única certeza que temos é que restou um ser martirizado e culpado por não ter tido talvez coragem de assumir junto com o pai a tarefa de se manter nos meios do rio.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio. (Rosa, 2005, p. 82).

3.A margem, a terceira, do rio

Tanto o título do conto, quanto sua história parecem sugerir um lugar especial do rio: a terceira margem do rio. Ora, rio é curso de água e numa compreensão muito comum é composto de duas bordas, duas margens. A margem dá limite ao rio, e este, geralmente, tem duas. O que seria, pois a terceira margem? Que lugar especial é esse que se encontra num território outro: a terceira margem do rio? Seria a terceira margem, de fato, uma margem, delimitação de espaço? O rio, todo rio, possui margem: apenas duas. Ou se está de um lado (margem), ou se está de outro (margem); ou se está no próprio rio. Mas o título, não se pode esquecer, fala

da *terceira margem do rio*. Não se trata de estar no rio, no seu curso natural. Ou trata?

Isto que se passa no conto pode muito bem ser denominado como um mistério. Mas mistério, segundo o que o diz Emmanuel Carneiro Leão, em seu artigo *A terceira margem do rio*

é a imensidão livre e desimpedida que se dá, como horizonte, e se reconhece fora das possibilidades de conhecer e fazer. É retirando-se que o mistério deixa ser e possibilita tudo que é, não é e vem a ser. Pois bem, é esse horizonte de mistério que sempre se retrai e, retraindo-se, atrai e se dá como o mistério que constitui a terceira margem do pensamento. (LEÃO, 2010, p. 43)

Aqui temos uma identificação importantíssima, apontada por Emmanuel, que torna a misteriosa terceira margem do rio o mesmo que o mistério que constitui a terceira margem do pensamento. Terceira margem, seja do rio, seja do pensamento, aqui, tornam-se o mesmo. Lançar-se a mergulhar no rio e no pensar é o mesmo.

A terceira margem é um fenômeno de integração, de unificação, porque se encontra no três:

E por que a terceira margem? Terceira margem não só remete para uma primeira e segunda margem. Não diz apenas dualidade e separação. Terceira margem diz também e sobretudo o mistério de uma reunião. E por quê?

Porque toda divisão e pluralidade provém de uma dinâmica de reunião. No pensamento da realidade, o primeiro número, no sentido de primordial, não é o um. É o três, o acolhimento exordial tanto da unidade como da dualidade. E o numerador de toda relação, a fonte de qualquer numeração. No três temos conjugados o um, o dois e a união do um com o dois. Três não é a soma ou adição de dois mais um. Três é a integração viva e reciprocamente circular da reunião, que sempre inclui diferença e igualdade de unidades. (LEÃO, 2010, p. 44)

Por aqui já possuímos uma indicação do que seja o vigor do terceiro, a dimensão terceira, a terceira dimensão do rio: é um lugar de unificação. Não de unificação como planificação e exclusão de diferenças, mas o lugar mais

fundamental e originário da diferença. É um lugar de harmonização. É como diz Antônio Jardim:

[...] harmonizar é ser capaz de juntar concretamente no fim mas desde o princípio torná-las um todo, sem destruir nem diluir nem elidir sua di-ferença. Ao contrário, constituindo uma nova diferenciação, produzindo a diferença entendida como o seu caminho para o des-conhecido, para o que não era harmonizado e passa a ser. (Jardim, 1997, p. 87)

A palavra diferença nos diz da articulação de dois radicais gregos *di* e *fevrw*. O radical *di* é na verdade *Divi* que é o dativo de *Zeuv*", e quer dizer deus, o que brilha, duas vezes, o desconhecido. Gerou em português, muitas vezes por via do latim *dís*, o sentido da dualidade, da alteridade, do desconhecido. O verbo grego *fevrw* diz levar, portar, levar consigo, levar para outra parte, chegar até, tender, dirigir-se, conquistar, obter para si. Desse modo, diferença, (tanto quanto, dimensão, discurso, bem como diverso) traz consigo essa imposição do desconhecido, isto é, daquele que não nasceu junto, do que está num outro pólo, numa outra dimensão, do que corre em direção ao que brilha. Por sua vez, o que brilha, o que ainda não se conhece é o que interessa, é aquele com o qual ainda não se fez a experiência de co-nascer. (JARDIM, 1997, p. 114)

Sendo assim, a terceira margem do rio é o lugar de co-nascer, nascer com os outros e para os outros, numa dimensão de integração com. É lugar de di-ferença, onde há o des-conhecido, o ainda não-conhecido.

Esta disposição do mistério, que atualiza a dinâmica do lançamento no desconhecido e da harmonização na di-ferença do mistério, parece estar presente, justamente, no modo como é concebida a linguagem pelo filósofo alemão Martin Heidegger. Assim, afundar um pouco mais nessas águas, pode contribuir, talvez, para que fosse possível explicar algumas interrogações que porventura tenham surgido e ainda permanecido sem solução, a partir da leitura do conto. Para isso, seria necessário compreender o que fica dito sobre linguagem em sua obra *Ser e Tempo* e na reunião de ensaios de *A Caminho da Linguagem*.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger compreende a linguagem humana como algo posterior a uma dimensão estruturante do discurso humano. O discurso humano seria conseqüente, seria uma resposta dada a estruturação existencial do homem, a constituição existencial da Abertura do Dasein, formada por Compreensão (*Verstehen*), Disposição (*Befindlichkeit*) e Fala (*Rede* - Discurso)⁴.

A Fala é a articulação da compreensibilidade. Compreensibilidade significa as possibilidades de compreensão, determinadas pela disposição. A compreensibilidade concentra os modos possíveis de desocultação dos entes. Estar junto ao ente, enquanto ente compreendido, é o que possibilita a fala humana. Heidegger chama de compreensibilidade (*Verständlichkeit*) aquilo que já está articulado antes mesmo de uma apropriação por meio de interpretação ou discurso humanos. Essa articulação não exige necessariamente sua atualização em palavras. Tal fenômeno indica que há outros modos de falar.

Pertencem à Fala, de modo originário, a *escuta* e o *silêncio*. Escuta é um momento existencial constitutivo da Fala. A *presença* (Dasein), ao escutar, obedece, na escuta, “à coexistência e a si própria como “pertencente” (N56) a essa obediência.” (HEIDEGGER, 2008, p. 226.). Obedecer à existência *com*, é coexistir. Obediência a si mesmo e à coexistência é uma forma de pertencimento. A palavra alemã *hörig*, traduzida como *pertencente*, em *Ser e Tempo*, pode também ser traduzida por *dependente*. A relação de *responder*, ou seja, atender a um apelo da co-existência, ou ainda co-responder, responder adequadamente numa reciprocidade, comporta em si a aceitação da dependência, ou não. Responder e corresponder *podem* ser assumidos como *dependência*. A aceitação dessa dependência que busca atender ao apelo da coexistência está presente na *Fala* como *escuta* (Höchen). O étimo comum dessas palavras em alemão confirmam isso: escutar – *h_orchen*; ouvir – *h_oren*; obedecer – *ge_horchen*; pertencer – *ge_hören*. A escuta nesta dimensão, não é a escuta no sentido determinado como percepção de sons, sensação acústica. Escuta, assim, indicada, é um momento constitutivo da fala, e deve ser entendida num sentido originário.

O mesmo ocorre com o silêncio. Heidegger se refere ao silêncio em *Ser e Tempo*, como um modo originário da fala. Determina o silêncio pelo que não é em si mesmo. Não é ausência de linguagem, quando o homem para simplesmente de falar. O silenciar do silêncio é um modo originário da fala e pertence ao ser. O silêncio é a condição da fala num sentido originário, e posteriormente, da fala do homem. Hans Ruin articula a questão do silêncio na obra de Heidegger da seguinte forma:

[...] o modo do discurso em que se preserva a abertura para o ser é justamente, silêncio ou taciturnidade (p. 296). É somente através de um certo silêncio qualificado que se pode constatar a presença [Dasein] em seu modo mais vivo de estar ciente de sua situação, de encontrar-se mais acolhedora e desperta.

[...] Embora o silêncio constitua, por um lado, um aspecto do que significa ter linguagem, ele também caracteriza a linguagem daquele que está inteiramente ciente dessas condições gerais da existência. Desde a posição de um certo silêncio qualificado, podemos ver, ou melhor, ouvir, um silêncio ressoar através da própria existência. (RUIN, 1996, p. 21)

Silêncio não é, pois, ausência de fala, mas um pronunciamento do real, o ressoar da existência na di-ferença. O silêncio pertencente ao plano do mistério e carrega para a Abertura do Dasein o des-conhecido, para que o des-conhecido se faça nascer em conjunto na Abertura, para que este possa soar em sua sintonia. A esta consonância da di-ferença podemos chamar silêncio.

É devido a essa dinâmica de realização o real, que Heidegger vai afirmar: “Die Sprache spricht als das Geläut Stille.” (HEIDEGGER, 1985, p. 27), a “linguagem fala como consonância do quieto” (HEIDEGGER, 2006, p24). Este é o silêncio da linguagem. É nesta silenciosidade com-soante que se pode ouvir a fala própria da linguagem.

Como podemos, então, falar *propriamente no falar da linguagem*, já que a fala da linguagem parece não ser possível fora da fala humana? Responde Heidegger:

A articulação da fala humana pode apenas ser o modo (*melos*) em que o falar da linguagem, a consonância do quieto da di-ferença, apropria os mortais pelo chamado da di-ferença.

Os mortais falam a partir da di-ferença, no sentido da di-ferença, como um corresponder. O falar dos mortais deve antes de tudo escutar o chamado, pois é como chamado que o quieto da di-ferença evoca o rasgo de coisa e mundo. Cada palavra falada pelos mortais fala desde essa escuta, como essa escuta. (HEIDEGGER, 2006, p. 25)

O homem conquista novamente sua dignidade, quando se re-apropria, atendendo ao chamado da di-ferença. Esse chamado convoca o homem a corresponder ao desconhecido. Assim, é possível falar propriamente no falar da linguagem.

Este modo de conceber o falar do homem, como corresponder aos chamados da di-ferença, pode ainda assim correr o risco de ser compreendido como mais um discurso de representação: o homem fala na medida em que corresponde, com sua fala, àquilo que se dá na Abertura. Temos aí novamente a representação.

Mas corresponder, não diz, definitivamente, da adequação entre a linguagem, enquanto proposição, e a coisa manifesta. Mas, a co-respondência entre a fala do homem e a fala da linguagem, enquanto fala silenciosa, não se pode medir pela *adaequatio*. Qual será, portanto, a medida do co-responder que nos conduzirá ao modo mais próprio de falar pela fala da linguagem, segundo sua silenciosidade?

O silêncio, em sua dimensão essencial e originária deve evitar radicalmente a falação: “A falação é a possibilidade de compreender tudo sem se ter apropriado previamente da coisa. A falação se previne do perigo de fracassar na apropriação” (HEIDEGGER, 2008, p. 232). A falação está apta sobre tudo falar, no modo da impessoalidade. Isto porque, ao invés de assumir o que se põe na Abertura do Dasein, como um momento privilegiado de com-vivência e de co-nascimento, a Abertura já foi entulhada de referências impróprias e impessoais, *previamente ao estar lançado no modo de ser-no-mundo*. Este é o modo em que a fala, em sua originalidade, transformou-se em comunicação.

Tanto a escuta quanto o compreender já aderiram previamente ao que foi falado como tal. A comunicação não “partilha” a referência ontológica primordial com o referencial da fala, mas a convivência se move dentro de uma fala comum e numa ocupação com o falado. O seu empenho é para que se fale. O que se diz, o dito e a dicção empenham-se agora pela autenticidade e objetividade da fala e de sua compreensão. Por outro lado, dado que a fala perdeu ou jamais alcançou a referência ontológica primária ao referencial da fala, ela nunca se comunica no modo de uma apropriação originária deste sobre o que se fala, contentando-se com *repetir e passar adiante a fala*. O falado na falação arrasta consigo círculos cada vez mais amplos, assumindo um caráter autoritário. As coisas são assim como são porque é assim que delas (impessoalmente) se fala. Repetindo e passando adiante a fala, potencia-se a falta de solidez. Nisso se constitui a falação. (HEIDEGGER, 2008, 232)

Vê-se, com esta caracterização sumária da falação, que o problema não está no falar do homem, mas sim no soterramento da fala da linguagem.

4.A-fundos finais

Parece-nos ser possível associar, pois, o título e o fato insólito do conto a esta dimensão da linguagem (não humana), que concede a possibilidade da fala e da escuta: *o silêncio da linguagem*. Parece, que o conto, *A Terceira Margem do Rio*, aponta para uma dimensão da realidade, um território, um espaço, que poderia ser identificado com a dimensão silenciosa da linguagem, entendida como não-humana.

Daí, a partir deste lugar, seria possível desenvolver uma hipótese explicativa para o fato de, tanto o filho, quanto os outros cidadãos, não conseguirem compreender, ver e interagir diretamente com o homem que se pós nos meios do rio.

Ele se pós no silêncio da linguagem. O pai teria se transferido para um espaço, um lugar de fluxo, que é justamente essa dimensão silenciosa da linguagem e, assim, ficou interditado à compreensão daqueles que não estão abertos a esta dimensão da realidade: lidam com a realidade apenas através da linguagem enquanto representação. Linguagem para eles é o dito: não é possível o silêncio. Mas é isto, justamente, silêncio, o que o pai oferece.

Refletindo por esta via, talvez seja possível compreender a terceira margem do rio; compreendendo a terceira margem da linguagem; pondo-se na terceira margem do pensamento.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Emanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Sein und Zeit*. Gesamtausgabe Band 2. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976.

_____. *Ser e tempo*. Petrópolis, Vozes, 2008.

_____. *Unterwegs zur Sprache*. Gesamtausgabe Band 12. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1985.

JARDIM, Antonio. *Música: vigência do pensar poético*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. A Terceira margem do rio. In: *Poética: a terceira Margem*. Ano XIV n. 22, jan-jun. 2010. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura, 2010.

MOREIRA, Fábio Galera. A caminho da poesia: a instauração do vigor poético como acontecimento. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura – UFRJ, 2011.

ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

RUIN, Hans. O silêncio da filosofia. In: SCHUBACK, Márcia de Sá Cavalcante (Org.). *Por uma fenomenologia do silêncio*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1996.

SOUZA, José Cavalcante de. (org.). *Pré-socráticos: Fragmentos, Doxografia e Comentários*. Petrópolis: Nova Cultural, 1996.

¹ O presente trabalho foi apresentado no III Encontro Internacional de Estudos da Linguagem (ENELIN – 2011), em setembro de 2011, com o título *A Terceira Margem da Linguagem: Acontecimento, Poética, Mundo*. Aqui se apresenta o texto completo.

² **Fábio Galera** é licenciado em Letras (UNESA), graduando em Filosofia (UFRJ), especialista em Literatura Infanto-juvenil (UNESA) e em Educação Especial (UNIRIO), mestre em Ciência da Literatura (Poética - UFRJ), mestrando em Estética e Filosofia da Arte (UFF), doutorando em Ciência da Literatura (Poética - UFRJ) e professor de Teoria da Literatura na Faculdade de Letras da Fundação Técnico Educacional Souza Marques. E-mail: fabiogalera@ufrj.br; fabiogalera@ig.com.br.

³ Não possuem nome na linguagem humana, apenas estão aí representando suas funções.

⁴ O desenvolvimento reflexivo que segue, encontra-se em sua totalidade na dissertação de mestrado, *A caminho da poesia: a instauração do vigor poético como acontecimento*, defendida pelo autor no primeiro semestre de 2011, junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura (Poética).